



Figura 1
IN.CER.TE.ZA

A busca da medida em tempos de incerteza

POR **RICARDO AUGUSTO ALVES DE CARVALHO**

“(...) A incerteza é o habitat natural da vida humana.”
(Zygmunt Bauman, in A Arte da Vida)

Quem se atreve a ter certeza? Eis a questão proposta pela 32ª Bienal de São Paulo. Em tempos de VUCA – *Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity* (Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade), nada mais acertado que o conceito-guia desta edição da Bienal, inaugurada dia 10 de setembro e que fica aberta até o dia 12 de dezembro, reunindo aproximadamente 90 artistas e coletivos. Com o título “Incerteza Viva” (*Live Uncertainty*), a exposição tem como eixo central uma reflexão sobre as atuais condições da vida, em tempos de mudança contínua, e as estratégias oferecidas pela arte contemporânea para acolher ou habitar incertezas. Conceito provocativo, com uma insinuação paradoxal – o desafio de “medir incertezas”.

Inspirada por temas de última fronteira da Ciência – como a termodinâmica, o mundo quântico, a entropia e a teoria informacional –, os artistas convidados e suas instalações, construídas (comissionadas) exclusivamente para a exposição, nos interrogam e questionam o próprio conceito de certeza fundado na modernidade. Apontam rupturas e novos modos de pensar o “Estado da Arte” da humanidade, nesta era planetária de hipercomplexidade que vive a incerteza como novo paradigma.

Questionar noções como equilíbrio, caos, ordem e desordem parece ser o convite da curadoria da Bienal, num percurso por temas incontornáveis da cena contemporânea, no nosso planetinha azul desta quase já segunda década do século 21.



Subjetividade, inteligência artificial, inteligência coletiva, sinergia, mudanças climáticas, igualdades e diferenças sociais, alteridade e fluxos migratórios, e, como não poderia deixar de ser, a exaustão do atual modelo capitalista são os temas expostos nas várias instalações e obras.

O fato incontestável da “extinção das certezas” nos cenários econômico-social, psicológico e biológico, com consequências de alto impacto no mundo do trabalho, está exposto através do olhar de artistas convidados do mundo todo, para aquela que já é considerada a segunda mais importante Bienal do Planeta. Jochen Volz (de Inhotim), curador dessa Bienal das Incertezas, explica: “Mais que arte engajada, busco obras que tenham força estética e ofereçam experiências poéticas, intelectuais e físicas.

Vivenciar a “Incerteza Viva” é reinventar novas medidas em labirintos e encontros, onde, para além da compreensão intelectual, nos surpreendemos em um fio narrativo que questiona a busca (eterna) das medidas de certeza. Neste mundo que não nos permite mais ter verdades absolutas e, portanto, mais aberto a novos arranjos criativos e inovadores, a Arte Contemporânea tem sido a grande protagonista e fonte de inspiração.

Fomos mal acostumados a esconder as incertezas ou cientificamente colocá-las como uma variável interveniente, nome já denunciador de uma presença estranha e mal desejada.

Assumir as incertezas é trazer o estranho para o familiar, como já nos apontou Freud. Discussão mais que urgente em tempos de fluxos migratórios, nessa diáspora jamais vista no planeta do humano terráqueo – seres mais diversos e variados, no sentido sócio-étnico-econômico e religioso do jamais visto. Este “fluxear” humano, em sua mistura

transcultural, vai modificar de forma definitiva nosso olhar sobre o “diferente”, que não oferece qualquer certeza e, portanto, é nosso igual. Novas contradições da tribo à *urbi*, que vêm aumentar nosso grau de incerteza.

Sim, a incerteza é uma ameaça ao pensamento *prêt-à-porter* dos modelos triunfalistas. Aqui, ela apresenta a arte interativa permeando os acontecimentos humanos e não mais uma arte distanciada e fria para um espectador acrítico. Nesse encontro, não podemos ficar indiferentes, sem a certeza de encontrar as respostas. Mas estamos certos de encontrar a expressão predatória do homem sobre o seu meio e sobre si mesmo. A catástrofe de Mariana, na obra “Be damned” de Carolina Caycedo, nos consterna e nos humilha em nossa “suposta” humanidade. Assim se (des) caminha a humanidade!

O espetáculo arquitetônico grandioso, que Niemeyer construiu no Ibirapuera, tem como cena de entrada a obra “Dois pesos, duas medidas”, criada pela artista Lais Myrrha, questionando a (in) certeza da relação homem/natureza, nesta edição que reúne a expressão criativa de 33 artistas vindos de todos os cantos do mundo.

Incerteza em tempos de mudança contínua pode ser vista também como um recorte geracional, pois mais da metade dos artistas nasceu após 1970. Esse olhar se expressa mais feminino, pois mais da metade são mulheres. A bienal do feminino em um presente de gêneros cada vez mais incertos?

Um produto planejado em vários encontros e temporadas entre curadores e artistas, para gerar essa potência criativa na *Paulistiana Brasílis*, e que deixará de existir fisicamente quase ao fim de dezembro deste 2016 olímpico. Evento efê-



ASSUMIR A INCERTEZA É O PRIMEIRO PASSO PARA NOS HUMANIZAR, SE ACREDITAMOS QUE A ARTE NOS HUMANIZA

mero como a própria obra de arte contemporânea. Experiências sensoriais garantidas num universo de pesquisas artísticas, em que o conceito de narrativa ainda é tópico, evidenciado na pobreza linguística em que mergulhamos. Ser artista é buscar sem a certeza de encontrar, e muitas vezes não querendo encontrar nada, mas se permitindo viver o próprio processo em um *working progress* contínuo. Obviamente, assumir a incerteza é o primeiro passo para nos humanizar, se acreditamos que a arte nos humaniza.

A quem se dirige:

- A todos aqueles que queiram ampliar seus horizontes e mergulhar no mundo das incertezas, para procurar novas evidências e pistas de um caminho num futuro cada vez mais incerto.
- A todos aqueles dispostos a ousar e mudar modelos mentais já gastos e que queiram se interrogar sobre a relação entre Arte, Mundo do Trabalho, Mundo da Vida, Capitalismo e Subjetividades.
- A todos que se disponham a experimentar aquilo que não se sabe, para se reinventar, protagonizando sua própria cena no mundo e não se deixando levar pela aparência das vãs e supostas certezas.
- A todos aqueles que queiram se inspirar de forma inteligente e sensível, para operar mudanças na sua vida e na vida dos outros.

Sejam todos bem-vindos a este caminho sem certezas! Boa viagem!

RICARDO AUGUSTO ALVES DE CARVALHO é professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral, pioneiro no ensino da *Art for Management* na América Latina. Doutor em Sociologie des Mutations pela Paris VII, Pós-Doutor em *Art for Management* pela RMS/Reims Management School e professor convidado da ESC Paris e da HEC Montréal.

